e·cult
mídia ativa

distribuição gratuita Ano IV - Edição #11 | Março 2013

Zudizilla ilumina o rap

Os caminhos do MC da Guabiroba e a nova mixtape

Entrevista com o quadrinista
Odyr Bernardi

A literatura lunar de
Ju Lund

Thrash Metal de Galeria
Uma investigação da banda
Kavalistic

EDITORIAL

Uma nova perspectiva

Depois de uma edição de transição, a renovação do e-cult se completa. A nova equipe agora toma as rédeas para tentar uma abordagem diferente sobre a cultura em Pelotas. Mais do que ser uma vitrine do que se passa, nossa intenção é fazer interpretações, traçar paralelos e emitir opinião sobre a produção cultural local, incentivando a evolução. Queremos também dar espaço ao despercebido, ao esquecido, e não apenas ao já consagrado.

Nesta edição, entrevistamos o quadrinista Odyr Bernardi, um inquieto pensador do seu ofício, e apresentamos a escritora Ju Lund, que está lançando seu "romance queer chick", "Doce Vampira". Resgatamos a lendária banda Kavalistic, direto do subsolo dos anos noventa e, finalmente, damos uma geral na vida e obra do rapper Zudizilla, que acaba de lançar seu álbum/mixtape chamado "Luz".

Contamos ainda com os colunistas, também já estreados na edição anterior, Guilherme e Ediane, que não são parentes apesar do "Oliveira" em comum, e inauguramos um espaço para resenhas, que pretendemos dedicar mensalmente às novidades da cidade.

Renovação e reflexão são agora as palavras de ordem no e-cult. Esperamos que seja um prazer pra vocês. Para nós, já está sendo.

EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #11 | março 2013 | Pelotas, RS

Editor/Fundador
Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

Editores
Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

Diretor Comercial
Rafael Dutra | (53) 8117-6974

Projeto gráfico e Diagramação
Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

Impressão
Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

Tiragem
4.000 exemplares

Foto da capa
Daniel Neuer, no antiquário Lalique

Impresso em papel imune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal

Financiamento:

ProCultura

PREFEITURA DE PELOTAS
SECRETARIA DE CULTURA

Odyr Bernardi
pensando a ponte quadrinhos-narrativa-poesia

JOSÉ ANTÔNIO MAGALHÃES

Deve fazer uns dois anos que fui a uma conversa sobre quadrinhos com dois titãs pelotenses do ramo: Odyr Bernardi e Rafael Sica. Na época eu não conhecia o trabalho do Odyr (estava lá pelo Sica). Tive uma boa surpresa. Enquanto Sica se mostrava lacônico sobre o próprio trabalho (o que cai bem com suas tiras silenciosas), Odyr falava como alguém que faz da reflexão sobre o processo uma parte vital do próprio. Depois disso, Odyr surgiu no Facebook, e desde então quem o acompanha sabe que ele tem pensado a relação quadrinhos-narrativa-poesia de uma maneira muito fresca e muito interessante, aqui em Pelotas.

Recentemente Odyr lançou a graphic novel "Guadalupe" em parceria com a poeta pelotense Angélica Freitas, que anda em alta com seu livro "Um Útero É do Tamanho de Um Punho". Ao mesmo tempo Odyr alimenta fãs pelo Facebook, publicou um livro virtual, "HoneyBoo", baseado num poema da portuguesa Matilde Campilho, e nas últimas semanas começou uma série de tirinhas/histórias curtas chamada "Fantomas".

Fazes quadrinhos sobre fazer quadrinhos sobre fazer quadrinhos. Muitas vezes apareces como personagem, e mesmo em personagens como Houdini e Fantomas parece haver algo de autobiográfico. Como funciona isso?

A presença do meu trabalho no meu trabalho é reflexo do que o trabalho significa na minha vida - mais ou menos tudo. É a única transcendência que vejo no mundo. Desde que eu escolhi isso, de fato, há uns dez anos, toda a minha energia tá ali. E aí a divisão de vida e trabalho se perde um pouco. De muitas formas.

Uma é essa que você comenta, dos textos e quadrinhos sobre o fazer. Espero, na verdade, que essa fase esteja encerrada. Há pouco tempo juntei as histórias da Máquina Narrativa e algumas outras dentro dessa pesquisa e devo fechar em um livro, que é sempre uma forma de enterrar algo. Foi um período onde, depois de dois álbuns e várias histórias curtas com roteiro de outras pessoas, eu voltei a fazer minhas histórias. E aí cada história acabava sendo uma espécie de documentação da busca - eu tentando entender uma forma ou um ritmo ou uma técnica.

A outra parte é a minha presença nas histórias. Não era uma coisa que eu tivesse imaginado - ah, vou fazer quadrinhos autobiográficos. Mas faz sentido, pra o que eu penso - você não tem outro ponto de vista além do seu. Agora, eu tenho apreciado o personagem, como o Fantomas. Você pode pôr toda tua verdade ali, mas por trás de uma máscara. Te liberta pra ser ainda mais honesto. Que, no final das contas, é só o que importa.

Em um texto publicado no teu blog, exploras a ideia de que tudo é narrativa e de que as pessoas se veem não como séries de fatos, mas como histórias. Como isso se reflete nos teus quadrinhos?

Nossa construção do mundo é feita através de histórias - eu nasci assim, aí aconteceu isso, depois isso. Teus pais te contam parte da tua história, depois você conta pros outros e ela vai se transformando e você acaba acreditando na versão mais recente, no rascunho final.

E as histórias refletem o mundo, e o mundo reflete as histórias. Aí entra a responsabilidade, que é outra coisa que penso muito. A ficção que você coloca no mundo tem um impacto direto na realidade. Alguém vai construir uma pequena parte da sua personalidade a partir daquilo. E para criar essa ficção-ilusão, você tem que criar uma realidade na sua cabeça antes, se não vão ser só palavras.

Ainda nessa questão da responsabilidade, há pouco saiu o que talvez fosse o teu primeiro quadrinho abertamente engajado. Uma tirinha do Fantomas. Andaste pensando sobre a questão do engajamento?

Tem essa divisão, que eu vi a primeira vez dita pelo Ziraldo, que diz que há dois tipos de artistas - aqueles cujo trabalho é apontar o pior da humanidade e os que estão aí pra trazer

beleza, graça, quiçá reforçar a crença no melhor de nós. E os dois são igualmente importantes. A humanidade precisa de conforto e precisa de confronto. Em geral estou ali pelo lado da beleza, do tentar crer no ser humano. Mas tem momentos, situações, onde isso se torna difícil de manter. E esse movimento obscurantista religioso tomando o poder no país me preocupa a sério.

Uma coisa interessante que tens trabalhado é a ponte entre quadrinho e poesia. Quadrinhos baseados em poemas da Gertrude Stein, as parcerias com as poetas Angélica Freitas e Matilde Campilho. O que tens descoberto?

Isso é uma tentativa de estabelecer umas pontes entre linguagens que não deveriam estar tão longe como estão -literatura e quadrinhos, assim como as artes plásticas e as artes gráficas. Tem uma divisão entre alta e baixa cultura que não faz nenhum sentido. É uma questão histórica, de valores atribuídos. E também uma tentativa de abrir espaço num texto, criar uma situação de leitura nova. E poesia e quadrinhos compartilham a síntese - cada palavra conta.

O que queres dizer com "abrir espaço no texto"? Parece interessante. Consegues desenvolver mais?

Se você olhar um texto da Gertrude Stein na página, é um negócio meio intimidador. Aquela repetição de palavras, o uso estranho da língua, é uma coisa meio árida. Mas quando eu pego aquele parágrafo e divido em vários quadros e crio interpretações visuais para cada parte, acho que ele se abre um pouco.

Mesmo em textos que não são necessariamente difíceis, como o da Angélica ou da Matilde, eu quero crer que estou ampliando a estrada que leva ao poema. Além de criar novas possíveis leituras pelo encontro texto-imagem.

Mas tudo isso é articulado a posteriori. Faço porque os textos me levaram a isso, porque minha mente enxergou coisas, lendo aquilo. Pela potência do texto original.

Guadalupe, tua primeira parceria com a Angélica, não explorou diretamente o âmbito da poesia. O que nos aguarda na próxima parceria de vocês, o "Grande Livro das Ilusões Pelotenses"?

Os experimentos que fiz com poemas da Angie foram antes e depois de "Guadalupe". "O Grande Livro das Ilusões Pelotenses" também não parte da poesia da Angie, mas do desejo dela de também escrever prosa, e lida com as muitas fantásticas ilusões de grandeza dessa cidade. Mas ainda não é nada certo, estamos cozinhando devagar, em paralelo com outras coisas. Ambos temos outros projetos.

Vens usando as ferramentas da internet, em especial o Facebook, para compartilhar a produção de formas diferentes e interagir com o público. Podes falar um pouco sobre essas possibilidades novas?

A Internet mudou tudo. Criou um outro campo de ação, onde a localização geográfica não importa mais e os meios de comunicação perdem um pouco seu papel absolutista. Vejo tudo com grande simpatia. Se por um lado as redes sociais são um retrato impressionante da estupidez humana, também são uma ferramenta incrível para eliminar o intermediário e mostrar o trabalho diretamente para o público. Além disso, essa espécie de publicação imediata do conteúdo te dá uma distância sobre ele, que é muito benvinda. Você enxerga seu trabalho mais claramente quando ele está lá, colocado no mundo. Acho tremendamente interessante.

Mencionaste que tinhas outros projetos na manga além do "Grande Livro das Ilusões Pelotenses". Tem algum de que possas nos contar?

Meu estúdio é um amontoado de projetos. Mas no momento estou realmente concentrado no Fantomas. Fazia muitos anos que não investia em um personagem fixo e tenho a sensação de que encontrei algo ali, tanto na forma (na síntese absoluta da tira) quanto no personagem como uma alavanca para contar qualquer história.
Vamos ver pra onde ele me leva.

Ediane Oliveira

*Ediane Oliveira é Jornalista.
Produz o Programa Navegando RádioCom e faz parte da Maria Bonita Comunicação.*

Uma alucinação real a palo seco

Não é todo dia que se encontra o Belchior. Aliás, neste tempo tão *business* em que falar do seu sumiço rende curiosidade, o encontrá-lo soa como surpresa. Em tempos que o Fantástico fazia uma série sobre o seu desaparecimento, eu o encontrei aqui.

Entre frio de julho de 2011 e ruídos da rua, sentamos em um Café que nos desse margem à visão da cidade por fora. Com um *Vício Elegante* de quem observava o olhar de quem nunca o tinha encontrado, Belchior se resume em cada verso que sempre cantou: *"Sons, palavras, são navalhas/ E eu não posso cantar como convém /Sem querer ferir ninguém."*

Um típico compositor que não se encontra em qualquer esquina. Além da genialidade visível, Belchior não é posudo e sua sensibilidade cortante e sutil, nos leva a uma esfera de questionamento sobre este tão vasto e complexo mundo doentio.

- Como é a poesia aqui? - perguntou.

Com minha *Lira dos 20* e poucos, respondi que está sendo retomada, depois de tanto tempo. De Lobo da Costa até agora, o que mudamos? Pelotas nunca esteve tão desapegada de padrões na poesia. Não estamos tão dependentes da vanguarda. Nossos poetas não saem muito a noite. Acordam cedo, precisam trabalhar e cuidar dos filhos.

Ele perguntou de novos e velhos. Parecia fazer em tantas vezes um pequeno mapa do tempo. Questionou o fechamento do nosso Sete. Elogiou nossa praça. Lamentou nossas estúpidas desigualdades sociais.

"O movimento literário russo deveria ser como espelho a todos nós. Eles foram revolucionários." Disse que tem composto muito. E sobre a especulação de sua vida na mídia, prefere silenciar. Seu desespero poético não é apenas em "*Moda 73*". Belchior ainda está tão vivo e presente como em tempos de *"Como Nossos Pais."*

Tudo estava no mesmo lugar. Pelo vidro que observava a cidade, vimos a essência do cotidiano daqui. Nós feito aqueles galhos de árvores do outro lado. As placas. Bicicletas com megafones roucos. A venda na rua. A venda por dentro. O papelão e o corpo. A cidade se consumindo. O resto todo vivendo.

Ele voltou os olhos à mesa. E permaneceu tomando o chá de canela com maçã. Pediu um doce. Conversamos sobre mendigos, arte e trânsito. Nos despedimos. Belchior veio subitamente e foi embora da mesma maneira.

Com aquela melancólica sensação de quem acaba de assistir uma obra de Lars Von Trier, saí com o coração em chamas, tão imagético, cinza, afoito, quente e calado. O Poeta do Coração Selvagem mostrou que estava certo: o delírio é a experiência com coisas reais em um 'Até mais ver de Corpos terrestres', em nossa 'Pelotas ao Contrário', como ele quis chamar. Belchior foi embora. Mas disse que quer voltar.

O fantástico mundo de Ju Lund

Escritora pelotense lança "Doce Vampira" e busca noites melhores para a Literatura Fantástica na cidade

LEON SANGUINÉ

Escrevo isto em uma madrugada ao som do uivo de um lobo desesperado. Na verdade são quatro da tarde e o yorkshire do vizinho não para de latir.

Em seu conto "O Mistério de Marie Roget", o escritor estadunidense Edgar Allan Poe, provável maior expoente da Literatura Fantástica no mundo, disse: "Não há, mesmo entre os mais serenos pensadores, quem não tenha ocasionalmente sido tomado por uma sensação vaga mas excitante de fé no sobrenatural, desencadeada por coincidências cujo caráter tem aparência tão incrível que o intelecto não consegue processá-las como meras coincidências".

Quando Juliana Lund nasceu, às 21:05 do dia 3 de novembro de 1983, havia tantas nuvens no céu escuro que não era possível determinar a fase da Lua. Mas acho que era cheia. Era pelo menos uma noite com cara de Lua cheia. 30 anos depois, agora conhecida como Ju Lund, ela lança livro dia 22 de março de 2013, às 17:30, na Livraria Vanguarda de Pelotas.

A trajetória da escritora começou como a de um vampiro sedento por sangue. Após grande estímulo familiar – nunca faltaram livros em casa -, era chegada a hora de ir à caça do seu próprio alimento. Aí entraram as bibliotecas e as obras de investigação. "Passei por muitos gêneros até encontrar a Literatura Fantástica e tudo foi um crescimento. Se meu primeiro livro importante foi "Uma Graça de Traça", depois foram os de fábulas e fantasia, quando pequena. "Só muito tempo depois descobri que existiam livros fantásticos e que esse seria o amor da minha vida. Comecei lendo livros de teor sobrenatural, fantasia, fantasia urbana e alguma coisa de terror", diz

Lund sempre escreveu "coisas", como gosta de frisar com as aspas, mas só depois as leu com olhos de Literatura Fantástica. Dessas "coisas" nasceu o Portal, oriundo da vontade de compartilhar suas leituras e escritas e que tem como objetivo difundir a literatura e sempre que possível apoiar o fantástico e também o nacional. "Foi um nascimento forçado, meu marido levou mais de um ano até me convencer. Mas, em pouco tempo ganhou muitos leitores, tivemos de reformular, meus contos passaram a ser de 15 em 15 dias e precisei de ajuda. Antes mesmo de consolidar essa etapa já havia ultrapassado qualquer limite. Hoje o Portal conta com uma equipe de 14/15 pessoas maravilhosas (de todo o país), já chegamos a 3.500 visitas por dia. É um orgulho! Em abril é nosso aniversário de três anos!", conta.

DIVULGAÇÃO

"Infelizmente no nosso país é mais fácil comprar uma obra importada que já tenha nome e faz muito sucesso ao apostar em novos títulos e autores. Mesmo aqueles que estão há muito tempo na estrada e já possuem 'currículo' sofrem com isso"

Assim como acontece com muitos dos escritores do século XXI, após a jornada na internet Ju sentiu a necessidade de ter algo físico. Folhear algo seu. Daí nasceu "Entrecontos", coletânea de contos publicados anteriormente no site durante todo o ano. Já são duas edições lançadas e uma terceira encaminhada. Paralelamente a este projeto, Ju começou a receber e aceitar convites para participar de antologias do gênero, como "Autores Fantásticos", da editora gaúcha Argonautas, e "Vampiros de Alma", com organização independente de Anny Lucard.

Nesse meio tempo, a vampira, mais confiante para se expor ao sol, resolveu concretizar o projeto de lançamento de um romance. Assim nasceu "Doce Vampira", que será lançado dia 22 de março aqui em Pelotas na Livraria Vanguarda, em Porto Alegre, Caxias do Sul, São Paulo e na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, dia 8 de setembro. O livro conta com uma atmosfera "Queer Chick" – uma mistura de Literatura Fantástica com temas contemporâneos como homofobia, racismo e fanatismo religioso – e é a história de Eduarda, uma jovem que conhece a vampira Ester e tem de enfrentar a família e a sociedade para viver esse amor. A inspiração para a trama, segundo a autora, está dentro de sua cabeça, em fragmentos de sonhos e pesadelos. "Vem de um lugar além da minha imaginação", completa. A obra será lançada pela editora Ornitorrinco.

Ju Lund não está sozinha. Há uma efervescência na Literatura Fantástica, puxada pelo best-seller (cabe questionar aqui a qualidade?) "Crepúsculo". Segundo Lund, vivemos o auge do gênero. No Brasil, por exemplo, a editora LeYa tem dado grande atenção ao gênero publicando títulos como "Dragões de Éter", do palestrante da última Feira do Livro de Pelotas Raphael Draccon. Porém, Ju frisa que o patamar, a importância da Literatura Fantástica, não mudou muito por aqui. "Há sim mais debate e iniciativas isoladas de apoio e incentivo, porém isso é um movimento em busca de maior respaldo dos próprios autores. Leis de incentivo, projetos estaduais e federais, propostas governamentais... Nada é feito", diz. Ela também comenta a deslealdade que é a disputa dos autores nacionais com os estrangeiros. "Infelizmente no nosso país é mais fácil comprar uma obra importada que já tem nome e faz muito sucesso ao apostar em novos títulos e autores. Mesmo aqueles que estão há muito tempo na estrada e já possuem 'currículo' sofrem com isso". Mas nem tudo está perdido para as fadas, duendes e vampiros nacionais. Segundo a escritora, a internet pode servir de alternativa às editoras, ainda muito reféns de sua própria falta de coragem em investir, também, em escribas sem know-how (exatamente porque nunca tiveram a oportunidade de tê-lo). "Se no passado uma pessoa escrevia e guardava no fundo da gaveta, a espera de uma oportunidade, hoje aquele que desejar pode expor seu trabalho. Mas, nada é fácil como pode aparentar. Entre você publicar textos e ter leitores, há uma grande barreira, principalmente tratando-se de nacionais. Como todo casamento tem seus altos e baixos, batalhas a serem vencidas".

"Há uma grande barreira, principalmente tratando-se de nacionais"

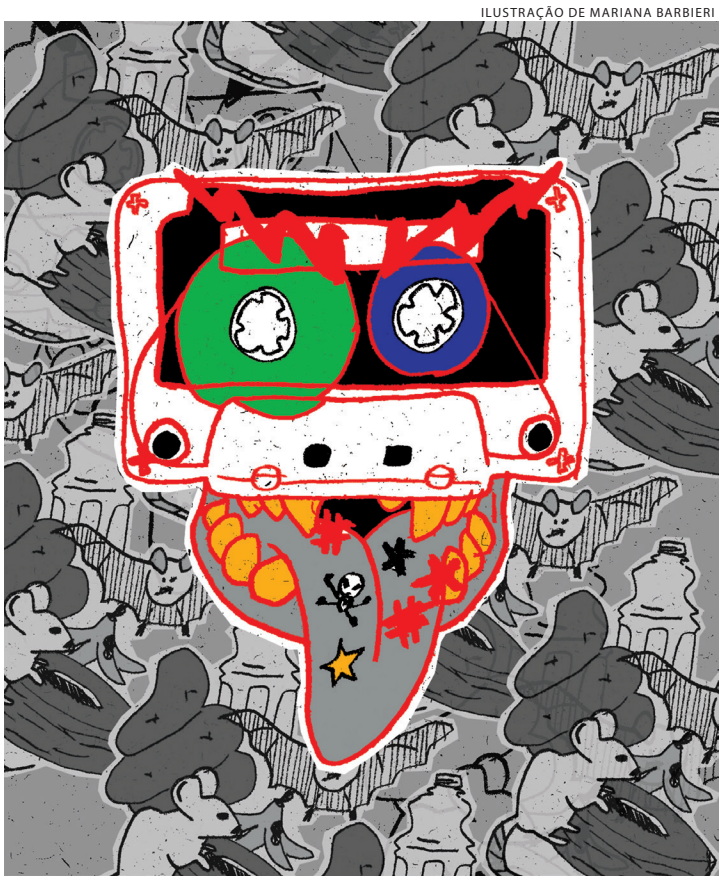
Neste mundo de Ju Lund, onde é – quase – sempre noite, a Lua é uma mulher, uma mesa e uma criança. Ou vai ver é o seu reflexo, uma mulher escrevendo seus filhos fantásticos. Ela diz que a Lua é "uma deusa da noite, cercada por estrelas guardiãs, que zelam por todos no momento que o rei sol repousa". A verdade é que a Lua – e a vampira – Ju Lund se sente só quando sai para passear pela noite em seu mundo. Não há estrelas guardiãs a cercando e nem seres semelhantes. Mais reconhecida lá fora do que em Pelotas, ela espera um dia poder contribuir para o crescimento da Literatura Fantástica por aqui. O lançamento de "Doce Vampira" pode ser um bom começo.

DIVULGAÇÃO

Kavalistic

Uma investigação sobre a banda mais obscura da história de Pelotas

ILUSTRAÇÃO DE MARIANA BARBIERI



JOSÉ ANTÔNIO MAGALHÃES

A primeira pessoa que me foi indicado consultar sobre o mito da Kavalistic foi Douglas Veiga, baterista da banda Postmortem. "Esse conhecimento é mais antigo do que a tua existência e a minha", disse o cabeludo, com fogo nos olhos. Pouco pôde me informar, mas me referiu a entidades mais velhas na cena, portadoras dessa sabedoria.

As pessoas em questão eram Paulo Momento, agitador cultural de longa estrada no cenário sombrio pelotense, e Paulo "Alf" Alfrino, ninja e interessado. Foi conversando com esses peritos e desenterrando depoimentos anônimos na internet que angariei os dados para esta pequena pesquisa histórico-mítica.

A única gravação da Kavalistic se chama "Thrash Metal de Galeria" e conta com 29 faixas (o mesmo número deixado por Robert Johnson) que variam geralmente entre os 20 e os 60 segundos de duração. Escutei-as em 2008, através do amigo Lauro Quadrado. A música se resumia a uma percussão frenética, que soava como alguém batendo furiosamente em objetos, e uma voz que berrava e uivava – tudo parecendo ter sido registrado em um gravadorzinho de pilhas. As letras, igualmente brutas, atacavam toda e qualquer coisa, passando pelo consumismo na faixa "Dentista Consumista", a educação em "A Escola é Uma Merda" e o povo brasileiro como um todo em "Brasileiro Fudido". A autoria das gravações, passadas de mão em mão durante anos, era objeto de lendas e mitos. O que dava, contudo, uma ideia da antiguidade do registro, era a faixa "Collor Fudido", na qual se podia ouvir que "a presidência dele tá uma merda" – reparem no presente do indicativo.

No início dos anos noventa, viver no Brasil não era tão hypado. Fernando Collor tinha chegado à presidência andando de jet-ski e, no dia seguinte, bloqueado as poupanças e contas-correntes do brasil inteiro. Em "Sem Vaselina", se escuta que "Collor levou tudo que eu tenho" e "tá matando todo o mundo". Nesse contexto, até dava pra entender tanta revolta - mas isso não bastava para aplacar a curiosidade em torno das gravações.

Veiga, meu primeiro entrevistado, só tinha ouvido que o nome por trás da Kavalistic seria o de um tal "Fanho" ou "Fanha", conhecido assim por um problema de dicção. Foi nos arquivos anônimos de antigas comunidades do Orkut que achei mais informações. "A última notícia que tive do Fanho é que ele, totalmente insano e esquizofrênico, vive recluso em uma casa na Rua Lobo da Costa, barbudão e se julgando um semideus", dizia um desses depoimentos. Paulo Momento, que confirma a existência do Fanha e diz que chegou a conhecê-lo, acrescenta que ele depois teria sido internado em alguma espécie de hospital psiquiátrico. A identidade real do Fanha, contudo, é indeterminada.

Diz-se ainda que a banda era formada, além do Fanha, por um amigo seu, o "Cebolinha". A presença de duas vozes em "Abaixo o Fliperama", e a clara dificuldade de pronúncia dos erres em "Morte na Playa", embasam essa hipótese. Reza a lenda que a mãe do Fanha teria participado em alguns dos registros, na percussão, mas essa versão tem escassa base nas evidências. No que tange aos instrumentos percussivos, a melhor doutrina diz tratar-se de uma gaveta virada, uma panela e uma chaleira. "Tá ligado a cozinha da banda? Eles levaram na raiz da questão", diz Veiga.

Já o ritmo da percussão tem pouco a ver com intervalos regulares de tempo. Parece estar mais ligado à cadência da própria fala e aos limites físicos do instrumentista. "Ele batia na velocidade que desse pra bater, e onde desse pra acertar, acertava", explica Alf. Dada a simplicidade das canções, a impressão que se tem é de que o autor deixou extravasarem, em um frenesi momentâneo, suas angústias e raivas mais primitivas. "Eu arrisco dizer que é provável que a Kavalistic tenha feito esse único ensaio e esse único registro", comenta Momento.

Parece que a gravação primordial foi feita em cima de uma cassete do Guns N' Roses. Depois, foi divulgada como se fazia em 1992, copiando a fita. Essa foi a primeira fase da circulação. O segundo boom veio cerca de uma década depois, quando um grupo de interessados passou tudo para MP3 e disponibilizou na internet. Por volta de 2008, a ideia de um projeto cover se desenvolveu no Orkut, e algumas faixas foram regravadas em nova roupagem, mas a maioria desses covers desapareceu.

Alf, que participou do projeto de covers, explica que lidar com o material da Kavalistic se tornou complicado por causa do tabu ao redor das letras. Embora considere a banda "um marco histórico" ele (como todos os entrevistados e eu próprio) não concorda com a maioria daquilo que é berrado pelo vocalista.

A Kavalistic exige, realmente, uma escuta crítica, já que várias das letras são ofensivas e reacionárias. A obra deve ser vista como um fato social a ser analisado, e não como referência ideológica - inclusive porque as letras são contraditórias demais para que se extraia uma doutrina. Se em algumas músicas os ataques vêm pela esquerda, como em "Capitalismo Não Tem Futuro" (de 5 segundos de duração) e "Escravos da América do Norte", outras dão vazão a franco conservadorismo, como em "Mundo Pervertido", ou a xenofobia que hoje daria processo, como em "Nordestino É uma Merda". Numa época em que homofóbicos e racistas presidem comissões de direitos humanos, tudo isso é material delicado.

O momento inspirado do letrista, porém, é quando, em "Leituras Fudidas", ele se insurge contra o próprio cânone cultural - "pau no cu do Monteiro Lobato / piça na bunda de Shakespeare". Talvez seja uma das poucas passagens em que o discurso, surpreendendo o crítico, se torna justificador da própria estética da obra.

Momento conta que o Fanha – supondo-se ser ele o homem – era uma figura de modos pacíficos, mas que "com certeza tinha uma sensibilidade fora do normal". Para ele e Alf, tratava-se de alguém que se sentia oprimido, não só pela conjuntura política e social da época, mas também por um underground classista.

Na época da Kavalistic, o cenário rock em Pelotas era bem diferente. Os roqueiros se espalhavam nos bairros, e em cada um predominava um estilo – punk, hard rock, metal. Na Galeria Zabaleta (Anchieta nº 666), a loja Metallic Voice passava shows do Slayer na vitrine, que cabeludos da moda e com dinheiro no bolso se reuniam para assistir. Esses eram os chamados "thrash metal de galeria", tema e alvo da faixa título dessa obra que, se não outra coisa, vale no mínimo como documentação de uma época do underground local.

Se, por um lado, o autor criticava a hipocrisia de um underground "falso e modista", por outro também queria ele mesmo ser aceito. Na época, lembra Momento, "o cara tinha que ter uma banda pra ser alguém". Ele nota na Kavalistic "uma certa vontade de estar dentro de um esquema, mas uma falta de apuro técnico e das ferramentas necessárias para fazer aquilo". No fim das contas, tudo o que os membros da Kavalistic queriam talvez fosse aceitação, como, em certa medida, todo o mundo quer.

JOSÉ ANTÔNIO MAGALHÃES

Os entrevistados Paulo Momento e Alf

À luz da razão

Uma vida marcada pela confusão se reflete na mixtape "Luz", grande declaração sonora do rapper Zudizilla, que chega ao mundo após três anos de preparação.

ROBERTO SOARES NEVES

Um espectro ronda o universo musical pelotense - o espectro do rap. Dos bairros às praças centrais, de eventos de moda a casas de shows alternativas, das ruas à internet, restaram poucos lugares em que o rap local não plugou seus microfones e beats e arrastou junto uma galera. Há seis anos, um dos responsáveis por essa tomada tem sido Júlio Cesar Correa Farias, o Zudizilla, 27. O MC da Guabiroba se notabilizou pelo retrato e defesa das ruas da sweet home - como ele e os seus se referem a Pelotas -, os dreads e um extenso vocabulário de gírias dedicadas ao ato de fumar. Suas primeiras faixas foram compiladas na mixtape "Elefante" (2010), sem a pretensão de formar um disco de fato. A ela se seguiu o EP "Foda-se" (2011), cuja faixa título é o grito de guerra das rodas punks que ele faz questão de instalar em cada show. No ano seguinte vieram mais dois EPs, "Sweet Home Pelas Ruas de Rio Grande" e "LabNeblinA", o último em parceria com Bloodfill.

Mas no fim de fevereiro chegou ao mundo a sua grande declaração sonora. A mixtape "Luz" mostra o artista deixando de lado o "estilo foda-se" para buscar a iluminação, sua e do ouvinte. Foram três anos escrevendo, reescrevendo, gravando, regravando e afinando o discurso para chegar ao resultado final. E o e-cult falou com ele, pra entender a trajetória do cara que impressionou até KL Jay, em sua passagem por Pelotas, e prega que o foco do rap esteja na realidade local.

Nascido na confusão

Sem o microfone, Zudizilla é tão articulado quanto. Encadeia os assuntos como quem já sabe o que se espera dele. Abusa das gírias e termos deselegantes, aqui reproduzidos fielmente, pelo bem da integridade do texto. Ele diz que já nasceu na confusão: por falta de grana, foi registrado um mês depois do nascimento. Terceiro filho de um casamento que terminou quando ele tinha dois anos, o mandinho Júlio Cesar foi criado pela mãe e as duas irmãs mais velhas, que sacrificaram parte de suas vidas pra isso. "Elas iam pro colégio e eu ia junto, porque não tinha onde me deixar. Eu em casa era foda, toquei fogo na minha casa uma vez. Toquei fogo afu no tapete e um pouquinho do sofá. Foi foda, apanhei um monte".(risos) Ele põe a culpa na criatividade mal canalizada. "Desmontava relógios, alguns eu conseguia montar de novo, outro ficavam desmontados. Aí eu apanhava de novo". (risos)

Com o pai, teve pouco contato - se aproximou mais tarde, já com outra relação. "Eu parei de cobrar dele a postura de pai, ele me parou de me cobrar a postura de filho e a gente começou a se dar como amigo".

Fora do âmbito familiar a coisa não foi mais tranqüila. "Sou de uma geração de suicidas. Vários amigos meus se mataram antes de chegar nos 18. Amigo de infância, caras da mesma rua. Brincar de roleta russa, de tomar remédio, cortar os pulsos". Como todo espírito criativo, se sentia estranho, passou por bullying no colégio. Caiu no rock. "Me aproximei muito do pessoal do metal por causa desses problemas que eu tive, de ser mais preto que todo mundo, de ser mais magro que todo mundo, de ser mais pobre que todo mundo, tá ligado? Sempre fui um pouquinho mais fodido que todo mundo, mas pelo menos eu corria um monte. Eu me lembro que eu tinha isso de vantagem, eu corria pra caralho".

Fazer algo pelos outros

A criatividade começou a ser canalizada no desenho, criando seus próprios personagens a partir dos que via na TV e nos gibis ("eu tenho uma paixão fudida por mangá"). Com o tempo, o talento visual foi saindo do papel, rendeu um trabalho em camiseta aqui, outro em parede ali. Caiu no graffiti, já aos 20. "Se tá no papel, então eu vou guardar, porque é um pensamento que se foi, ficou guardado. Mas se tá na parede, tá na rua, é um pensamento meu que tá exposto pra outras pessoas. E eu achei que isso poderia ajudar alguém, sei lá, podia fazer alguma coisa por outra pessoa". Deu aulas de graffiti como voluntário e decidiu trabalhar com desenho pra "sustentar a própria arte". Largou o curso de contabilidade e, no então CEFET, aprendeu meio a contragosto a, além de se expressar, ser um funcionário.

Na música, fez um raciocínio parecido quando trocou o "metal depressivo" pelo hardcore. "Não adianta, eu tô fodido, mas outra pessoa não pode ficar fodida que nem eu. Então eu preciso fazer alguma coisa pelos outros. E aí, atrávés do movimento punk, através do hardcore, eu conheci o hip hop".

"ESTOU LIVRE!"

A entrada no rap aconteceu no Fórum Social Mundial de 2005, por meio de um ícone pelotense do estilo. Tomou "umas boletas e vários litros de caipira" e passou uma noite fazendo freestyle com Pok Sombra. A performance rendeu um convite pra uma gravação e ali nasceu uma parceria marcada pela vontade de subverter, mesmo em condições adversas. "Na época a gente gravava na casa do Wilsinho. Tu cantava de frente pro espelho e a vó do Wilsinho ficava sentada no sofá lá atrás. A gente tinha que inventar gírias, ter uma criatividade fodida pra disfarçar falar os bagulhos, pra disfarçar falar de maconha. Mas falava."

O que a vó do Wilsinho presenciava sem saber era o discurso de Zudizilla tomando forma. "A gente sempre teve os dois pés atolados na sujeira da rua. A gente viu roubarem e viu ser roubado, viu matarem e viu alguém ser morto, a gente já sofreu com isso e a gente já riu também por fazer outra pessoa sofrer. Dentro dessa porcaria que é a rua. Tudo isso a gente pôs pra dentro do rap." O próximo passo foi juntar as duas paixões, música e graffiti: a primeira música solo foi "Tag Sonoro". "Quando eu descobri que eu podia misturar tudo, eu... 'BAAAAH, ESTOU LIIIIVRE!'".

Mas um novo contato deu outra perspectiva para Zudizilla. Ele e Guido CNR nem se bicavam - até dividirem o freestyle em um evento de cultura negra. Acabou entrando para o grupo de Guido, a Banca CNR, então com dez anos de estrada. Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades: teve que se polir, aprender a trabalhar pelo coletivo. "No underground eu podia xingar quem eu quisesse. O CNR já tinha uma proporção". Com o CNR, Zudizilla conheceu estúdios, tocou pra grandes públicos,

DANIEL NEUER

DANIEL NEUER

"A maior influência da minha música é eu ter um eu lírico rico, de formação, de vocábulo, de imagens, de sensações, de experiências"

DANIEL NEUER

passou a encarar o rap profissionalmente, escutar com atenção e tentar entender a música que fazia. "O Guido mentiu, ele me disse: 'não te preocupa que não vai mudar a tua vida, tu vai continuar pintando, só vai ter um bagulho a mais pra fazer. E mentira, o bagulho virou o que eu tinha pra fazer".

Preparando a Luz

Ele diz que levou dois anos pra se sentir um MC e só encontrou seu lugar no rap ao finalizar recém lançado o single "Luz". "Se eu não conseguir fazer o rap de verdade, com verdade e com sentimento, principalmente, se eu não conseguir botar os meus passos no compasso da batida, pra mim não vale de porra nenhuma." Batidas que no disco são na maioria autorais. Ele defende a autoprodução, para manter a essência do "eu que fiz". Além dos lançamentos paralelos, o longo tempo até a finalização de "Luz" deveu-se a "provações de caráter psicológico": perdeu as gravações no computador do primeiro estúdio; o segundo estúdio, do DJ Matheus Menega, foi pra Porto Alegre; perdeu e recuperou beats; perdeu e fez novas letras; deixou músicas prontas de fora. Chegou a largar o emprego de designer pra terminar o disco.

E no meio do processo, viu o rap tomar um rumo diferente. "Tem muita gente que ainda acha que tudo é engraçadinho, que tudo é palhaçadinha. Eu até não sou dos mais politizados dos MCs, sou dos mais sentimentais. Sou um contador de histórias, das histórias que eu passei, das histórias que eu vivo. Ocasionalmente isso choca com a questão política do momento e não tem como tirar uma coisa da outra. O outro lado do alternativo é o político". Ele reclama de quem lança música o tempo todo ("eu fazia isso antes, quando não trabalhava com o rap, então vi que tava ofendendo quem trabalhava, que procura qualidade e não quantidade") e da ideia de "representar" ("quem representa é ator. Vai lá e te expressa, mano! Mas te preocupa com quem tá lá embaixo"). Mas aceita falar por pelo menos um grupo. "Além de me sentir representante das pessoas que não agem da forma convencional, que a gente sabe que não tem dado certo, eu me sinto representante também daquela parcela menor que sofre por isso. As pessoas que, até aceitar que são outra coisa, sei lá, diferentes, alternativos, sofrem muito".

As histórias contidas em "Luz" são quase sempre focadas no narrador, reflexo da sua abordagem das influências. Na escrita, ele cita Lima Barreto; na música, Marvin Gaye e Djavan (que também tem um disco "Luz"); especificamente no rap, Madlib, J Dilla, MF Doom. Nas letras referencia outros tantos. "A maior influência da minha música é eu ter um eu lírico rico, de formação, de vocábulo, de imagens, de sensações, de experiências. Eu procuro enriquecer a mim e fazer disso munição pra botar dentro das minhas músicas".

Ele diz que a razão virou o tema da mixtape. "Não era. Só que o bagulho por si só foi acarretando essa responsabilidade de ser um CD racional". Retoma as cicatrizes na trajetória para explicar que o refrão do single ("O que te faz enxergar aqui? O que te faz ver melhor?"), cantado no disco por Pok Sombra, resume a ideia. "Já me perguntei por que eu não era bonito quando era criança. Já me perguntei por que eu não era mais claro. Já me perguntei por que o meu nariz era tão grande. Mas eu nunca me perguntei o que me faz enxergar o mundo do jeito que eu enxergo. Porque eu nasci entre uma vala e um campo de futebol. Eu cresci brincando com o brinquedo dos outros. Eu cresci vestindo tênis três números maior que o meu. Eu vi nego ter muito mais do que eu e hoje em dia estar preso. E eu nunca tinha me feito essa pergunta. Eu acho que essa é uma pergunta que todo mundo tem que fazer. Qual é o teu principal motivo, qual é a coisa que te faz ver melhor? O que que clareia a tua mente? E o resto do CD foi montado em cima desse pensamento".

Apesar do medo do resultado final, acabou gostando. Diz que está num momento muito feliz, de amadurecimento, pelo qual todo MC local tem que passar. Para o futuro próximo, tem o disco físico e um clipe a caminho, feito por uma amiga com base em vídeos enviados por fãs ("eu não tenho cara de pau de 'uou uou' na frente da câmera"). Sonha em lançar uma coletânea dos sampleados em "Luz" e tocar com orquestra. Pra quem nasceu na confusão, levou anos pra se aceitar alternativo, rapper, "fodido", vive e defende as ruas e delas busca iluminação pra si e para a música em geral, não é de se duvidar. É provavelmente a fronteira final do rap pelotense.

Guilherme Oliveira

Guilherme Oliveira é professor aposentado. Por desígnios de uma teodiceia qualquer, atualmente lida com especulação imobiliária. É muito rico.

As praças de uma outra Pelotas

As praças interpolam Pelotas. Há uma cidade que brota das paisagens veladas em sombras verdes e dos fluxos cristalizados nos arrabaldes, que atravessa a si mesma e, dessa maneira, descontinua-se, como se, ali mesmo onde a ideia de espaço emerge, essa mesma ideia soçobrasse frente à sua própria impossibilidade: as praças são localidades impossíveis — ou, antes disso, deixam entrever a impossibilidade do local. Somente as contemplam o movimento imobilizado dos casarões ancestrais ou do trânsito perpétuo: a cidade vê a si mesma ali onde ela falha. Nas interrupções, Pelotas desliza e toma-se como problema.

Ali onde as obras e monumentos arquitetônicos responderão sempre pelos nomes cinzelados em suas cimalhas, diversos empreendimentos culturais instalam-se sob o tento de resgatar o lugar — não o espaço como espaço, mas antes o espaço a qualquer custo: a revalorização da praça como ambiência de convívio e pano de fundo. Debalde, é uma submissão funcional que ocupa o espaço sob a estranheza do costume, embora ele já se encontre há muito contaminado pela força virótica dos circuitos urbanos: o lugar não vem à tona como tal; são as diversas atrações que atraem os públicos às praças e dão continuidade à frequência dos ritmos que configuram a cidade. Inversão: uma praça, por si só, não atrai.

No entanto, elas resguardam a possibilidade de desfuncionalização. Circunscritas pela cidade, co-locam-na às suas margens. Se o cinza parece empurrar todo o verde para dentro desses contornos e funcionalizá-los à guisa da mumificação de uma natureza cadavérica, eles também caracterizam uma certa potência de ausência — sumarizam e cultivam, dentro de suas limitações, o lapso e a falha: são a natureza que a cidade encobre e a disfunção que entrava brevemente qualquer função. Trata-se de uma pequena célula no organismo que ainda nos aproxima da ideia de terra como terra e alenta quaisquer perspectivas de uma certa teologia da natureza.

Assim, mesmo que o projeto cidade pareça subsumir a praça como uma tentativa de ordenar e domesticar o selvagem através da planificação da engenharia, ela ainda tem o fio da memória de uma certa humanidade encapsulada, uma potência de terra e de poeira. Desse modo, tem também os espaços urbanos aos seus pés. Onde termina a praça, a cidade começa. Às suas margens, a cidade termina. Ainda se resguarda ali a estranheza do lugar como tal — os paredões onde se unificam os tempos com verniz se recurvam e beijam os pés dessas pequenas clareiras onde sentar é apenas sentar e onde o ócio não foi canalizado pela produtividade. Ali onde o lugar da cidade é impossível, abrigam-se todas as possíveis emergências da desfiguração.

Justo quando se pretende violentar a potencialidade do lugar, ela ressurge e reverte-se contra o que a quer submeter. Talvez a partir das praças uma Pelotas diferente se faça possível.

Zudizilla - Luz (2013)

ROBERTO SOARES NEVES

Duas forças correm paralelas pela mixtape "Luz", o primeiro álbum de fato de Zudizilla - disponível por enquanto apenas em zudizilla-luz.bandpage.com. A primeira é a vontade de fazer um registro tradicional de rap, como se fazia em tempos imemoriais. O disco é todo construído sobre bases do mais puro soul - tendência que vem desde a primeira mixtape, "Elefante" de 2010, mas com a melhor produção da sua carreira. O discurso traz a auto-afirmação urbana ("a rua tá do meu lado e cêis não pode fazer nada", canta em "É Quente") e a igualmente tradicional afronta aos adversários ("eu lavo o rosto porque cospem na minha cara / rajadas de rimas falsas que nunca darão em nada").

Por outro lado, o disco é impregnado da personalidade do MC. A ideia da luz aparece repetidamente nos temas de positividade, solidariedade, determinação. Poucas músicas ultrapassam três minutos - nenhuma tem mais de quatro -, reflexo da urgência e dispersão necessárias para exprimir a superpopulosa mente de Zudizilla. E pelas letras descobrimos quantos e quantas eras convivem nessa mente: Jesse James, Nego Dito, Indiana Jones, Romário, Kimbo Slice etc.

A produção é na maior parte dele e do DJ Matheus Menega, mas comparecem Pok Sombra, Felipe Keels, Godfather Sage, Rodrigo Perelló e Nick Beats. Em geral, o som reflete o já conhecido estilo "relax" do rapper. A abertura é com um bem sacado trecho do filme "Depois de Partir", seguido da introdução da tese da mixtape: "pra mim não tem nada no fim do túnel porque eu sou a luz", diz "Eu Sou a Luz".

A partir daí ele sobe o tom em "Alguém Sabe", "Eu Busco Sempre Mais" e "Posso Falar?". Nos momentos mais agressivos, as palavras ganham a intensidade que valida a retórica de batalha de Zudizilla. "Eu Busco Sempre Mais", com participação do DJ Micha e Maninho RH, nos entrega a pérola "Varri, limpei chão / Entrei pela porta dos fundos / Engoli sermão de quem tinha que ser meu súdito / Entrei em parafuso / Pedi pra parar com tudo / Deus, teus métodos tão em desuso / Eu vou ganhar o mundo pelos meus".

"O Céu é o Limite" é o mais próximo de uma música dançante no disco, apesar de falar em Dante, skate, roda punk e lembrar da esquina paranóia delirante de Xis (e Cássia Eller). A voz quase desesperada do MC canta a persistência e se "transforma em ícone daquele que se identifica, se reconhece em cada estrofe e se torna parte da obra e retorna mais forte pra encarar a vida". Em "American Dream", liricamente uma das mais interessantes, Zudizilla problematiza a influência do "grande irmão do norte", citando de Doritos a Jesse Owens, e a busca desenfreada por dinheiro e fama. "Eles te fazem se sentir pequeno / Trampando mais que o presidente, mas claro, ganhando bem menos".

Seguem a nervosa "Luzes Artificiais", a calma "Vida", e o single "Luz", que retomam o tema da verdade no rap. "O que seduz eu quero longe, a verdade brilha mais / Mas eu preciso dizer que é difícil se manter correndo atrás de algo que é impossível de ver", ele canta em "Luz". O refrão, cantado pelo parceiro de longa data Pok Sombra, garante que a faixa título seja memorável.

A sequência de "Fim de Noite", "Uma Carta Pra Ela" e "Linda" é dedicada às musas de Zudizilla. Nas duas primeiras, um romantismo em sintonia com o restante do álbum, fácil de se identificar e longe de ser brega. Mulheres idealizadas, independentes e delicadas. Pessoas simples como as que ele "representa". Com a voz ainda mais suave, ele as retrata no dia a dia, andando nas calçadas, atendendo o telefone, vendo novela e filmes do Woody Allen.

A partir daí, a últimas faixas seguem sem grandes surpresas, o que pode afastar os não-iniciados. "É Quente" se beneficia do refrão alto e megalomaníaco ("movimentando milhões, tocando corações"). A discreta referência a "queimar um" e o mais escancarado "tô chapado" aparecem finalmente em "Tá Pra Mim", com participação de Garcez Dirty Lion. E "Aí Sim" encerra com pinta de "cenas dos próximos capítulos": "tô preparando o mundo pra ficar parado quando eu tiver pronto". Fácil como desliza nos ouvidos essa "Luz", o mundo está parado já. Corre, Zudizilla.

ecult .COM.BR

Rolou no site esse mês

Grito Rock Pelotas 2013 distribui cultura ao ar livre

Entrevista com Topsyturvy

Projeto Massimiliano disponibiliza música no SoundCloud

Festival de Verão leva a diversidade à fábrica da Brahma

Projeto reanima Teatro Municipal de Rio Grande

Resenha: Bennett Back to Brooklyn

Resenha: Mate a Palavra!

e·cult mídia ativa
Esse espaço pode ser seu.
Anuncie aqui.
(53) 8117 6974 | 9115 11 10
comercial@ecult.com.br